

A primeira atitude prática contra a candidatura do senador José Sarney a vice, na chapa de Tancredo Neves, partiu de um membro da Frente Liberal: o senador alagoano Luiz Cavalcante, que abandonou o movimento por discordar da maneira como foi indicado e do próprio nome do senador — que, ontem, em São Paulo, garantiu que sua candidatura, apesar disso, será consolidada. Tancredo disse apenas que o momento é de "objetivos altos".

A resistênci ao candidato Sarney

— Começou a complicação... O deputado Ulysses Guimarães, presidente nacional do PMDB, chegou a fazer um gesto de enfado ao receber a informação de que o senador Luiz Cavalcante resolveu deixar a Frente Liberal, por não concordar com a indicação do senador José Sarney para vice na chapa de Tancredo Neves. Mesmo assim, Ulysses e os líderes peemedebistas Freitas Nobre e Humberto Lucena não fizeram restrições à indicação.

Luiz Cavalcante explicou ontem porque não aprovou a candidatura de Sarney e porque resolveu deixar a Frente Liberal, embora continue apoiando a candidatura de Tancredo Neves e permaneça disposto a votar nele no Colégio Eleitoral:

— A escolha de Sarney representa uma erosão terrível na candidatura de Tancredo Neves, que não pode chegar ao Colégio Eleitoral dividida, porque a luta será pescoço por pescoço. Não aceito o processo de escolha do senador Sarney, pois a cúpula da Frente Liberal optou por seu nome sem ouvir as bases. Apresentou o fato consumado.

Cavalcante anunciou ainda que se desligará do PDS nos próximos dias para entrar para o "bloco do eu sozinho".

Protesto

Na reunião de anteontem, no Palácio Jaburu, Luiz Cavalcante ameaçou abandonar o encontro antes do final, porque ficou sozinho nas suas ponderações contra a indicação de Sarney. De acordo com um outro parlamentar da Frente, o vice-presidente Aureliano Chaves comunicou primeiro ao governador Tancredo Neves, por telefone, que o escolhido era o senador Sarney, e só depois o seu nome foi levado à consideração dos integrantes do movimento.

O senador Cavalcante alegou, na reunião, que existiam dúvidas jurídicas quanto à elegibilidade de Sarney, além de resistências no PMDB e em vários segmentos da sociedade. Ele foi contestado pelo próprio Sarney, que afirmou que o parecer do procurador-geral da República a respeito era político e sem consistência jurídica.

Alguns parlamentares, então,



Sarney: oposição até mesmo na Frente Liberal.

manifestaram-se a favor da escolha do ex-presidente do PDS, tendo o deputado Inocêncio de Oliveira sugerido que a indicação fosse feita por aclamação dos presentes. Luiz Cavalcante disse que se iria retirar da reunião, porque não pretendia quebrar a unidade do bloco, sendo contido pelos companheiros, que lhe pediram para voltar atrás em sua decisão.

No final, a indicação foi anunciada como "consensual" — o que desagradou Cavalcante. "A proposta não chegou nem a ser colocada em votação. Não houve unanimidade e o nome de Sarney não foi indicado por aclamação."

Segundo o senador alagoano, também o senador João Calmon, indicado líder da Frente, poderá romper com o movimento, pois também é contra a indicação de Sarney. No dia da reunião, Calmon teve de deixar o Palácio Jaburu às pressas, para ir ao encontro de sua filha, que faleceu naquela noite.

Sem vetos

Ulysses Guimarães lembrou ontem que a Executiva Nacional do PMDB havia decidido aceitar o nome proposto pela Frente Liberal para vice na chapa de Tancredo, fosse qual fosse. O líder Humberto Lucena acrescentou que está sendo formada uma aliança política e, portanto, ao PMDB não cabe fazer restrições a Sarney, "pois a Frente Liberal não fez restrições a Tancredo".

O mesmo disseram o líder Freitas Nobre e o vice-líder Roberto Freire, ligado ao PCB.

— Não tem essa de veto — argumentou Freire. — Não podemos vetar ninguém, para ninguém nos vetar.

Poderá não haver veto, mas as críticas continuam, tanto no PMDB quanto no PDS — este último chamando Sarney de "traidor" e procurando desmoralizá-lo e à Frente Liberal.

O grupo **Só Diretas** acatou um pedido para não apresentar publicamente suas críticas ao ex-presidente do PDS, mas o deputado Aurélio Peres (PMDB-SP) não acatou a recomendação.

— A questão é que até outro dia, Sarney presidia o partido do governo e foi ele quem comandou a derrota da emenda Dante de Oliveira. Com que moral vamos pedir o apoio da opinião pública, nos palanques, para uma chapa que tem o Sarney como vice?

É o mesmo argumento virulento do secretário do PDS do Paraná, deputado Airton Cordeiro, ao ex-companheiro de partido: "O senador José Sarney reúne todos os parâmetros da imoralidade pessoal e pública. No começo do ano ele percorreu o País pressionando governadores, deputados e senadores para que não apoiassem a campanha das diretas. É incoerente".

O senador Álvaro Dias, presidente do PMDB do Paraná, disse que se dependesse dele, apenas, José Sarney não seria o candidato na chapa das oposições. Mas pediu compreensão, já que a indicação foi decorrente de uma aliança, "onde todos têm que ceder algum espaço".

É a tese, também, do deputado Antonio Resk, do PMDB paulista. "Não cabe veto. A ação política deve ser no sentido de ampliar a frente que se formou, ainda mais por entendermos que ela é base para a derrota das forças — ainda expressivas — que subjagam o País". O deputado Fernando Moraes, também do PMDB, manteve com ele um animado debate na Assembléia. Sem criticar Sarney, Moraes justificou o manifesto contra a escolha: "O silêncio dos setores mais consequentes da oposição poderá concorrer para que o que há de mais conservador do lado de lá possa vir a conduzir a aliança e o processo sucessório".

"Estamos dando um passo corajoso"

O senador Sarney não falou em renúncia em São Paulo

Sarney procura não demonstrar, mas anda meio chateado. Ele não concorda com os ataques que vem recebendo depois que aderiu à Frente Liberal e foi escolhido como vice-presidente de Tancredo Neves, na chapa da Aliança Democrática, que irá disputar o Colégio Eleitoral. Seu desabafo não deixa dúvidas: "Estou como São Sebastião, sendo flechado por todos os lados". Seus assessores acham que essa campanha não passa de uma jogada para dividir o movimento e impedir que um governo de transição possa cumprir com o seu objetivo: o reordenamento institucional do País. Quanto a essa questão, ele prefere ficar calado.

Ontem José Sarney esteve em São Paulo, junto de seu filho, o deputado federal José Sarney Filho, para visitar o **Jornal da Tarde e O Estado**. E nessa entrevista ao repórter Fernando José Dias da Silva, ele fala, entre outras coisas, sobre a situação de sua candidatura, sobre as intenções da Frente Liberal e sobre a situação do País.

Senador, como é que o senhor está sentindo o desagrado, em certos setores do PMDB, com relação ao seu nome como vice na chapa das oposições?

Numa sociedade pluralista e aberta, um nome nunca pode ser objeto de unanimidade. Não podemos perder a perspectiva de que estamos fazendo uma aliança com o objetivo de encontrar uma saída institucional para o País. Nós não vamos perder a nossa identidade numa aliança. Numa coligação é normal que homens de várias tendências se unam em torno de um fim comum. Foi isso que nos levou a assumir um gesto de coragem em busca de um objetivo maior.

Desde quando surgiu essa idéia para os dissidentes do PDS?

Até o problema da sucessão, nós achávamos que só havia duas perspectivas. A de que com a potencialidade de protesto existente, de contestação, de insatisfação, nós marchávamos para um ponto de ruptura. A outra seria uma perspectiva de solução de força e retrocesso. Foi de nesse quadro, nossa posição dentro de nós mesmos, unimos forças em torno de pessoas, que até podem divergir, buscando num terreno comum — através da eleição do governador Tancredo Neves — estabelecer um governo de transição, de pacificação nacional, que possa lançar as bases das novas estruturas do País. De um regime de exceção só se sai pela força ou por uma solução de compromisso. Quer dizer, nós estamos buscando essa solução de compro-

misso e tentando buscar o apoio da sociedade para isso.

O senhor tem medo de ser vaiado num comício das oposições, por causa de seu passado de presidente do PDS e homem do governo?

Nós devemos imaginar que uma coligação é uma união que não exige que todos pensem da mesma maneira. Isso acontece em vários países do mundo. Pessoas que tem os pontos de vista os mais diversos se reúnem em torno de um interesse comum. É isso que está nos motivando. Nós estamos trazendo uma contribuição valiosa para que a própria oposição tenha êxito. E que esse êxito não seja só da oposição, mas seja do País. Nós chegamos à constatação de que não bastava pacificar o PDS. No momento é necessário que pacifiquemos o País. E essa pacificação não significa unanimidade.

Mas será que o povo vai entender isso, depois da campanha pelas diretas, dos comícios que reuniram milhões de participantes?

Eu acredito que o povo brasileiro tem dado sinais de maturidade suficientes para compreender o momento, até mesmo entender a campanha pelas diretas.

Quer dizer que o senhor acha que o povo vai receber bem um candidato a vice-presidente pela oposição que até há pouco tempo era o líder máximo do partido do governo e que durante todos esses anos defendeu o regime?

Talvez seja nesse aspecto que nós possamos verificar a profundidade do gesto que tomamos. É um gesto de coragem, de apertar as mãos dos adversários em benefício de uma causa maior. Essa posição não pode ser vista pelo lado negativo, tem que ser vista pelo lado positivo. Nós estamos tentando encontrar uma solução. Nós da Frente Liberal é que estamos correndo riscos. Nós estamos abandonando uma posição confortável, para uma posição de luta.

Mas, nos últimos tempos, qual era a posição confortável que os senhores tinham?

Nós estávamos num partido em que, se tivéssemos tomado juntos uma posição, teríamos maioria no Colégio Eleitoral.

Mas o partido está completamente desintegrado e não há a menor possibilidade de reunificação. O senhor não acha que a posição confortável agora é com Tancredo Neves?

Não, nós vamos ter uma luta muito dura pela frente. É difícil. Todos os que compõem a Frente Liberal poderiam apoiar pacificamente o PDS. Teríamos a vitória assegurada. Mas achamos que só essa

vitória dentro do PDS não pacificaria a Nação. Não reconciliaria o País.

Quando o senhor se convenceu de que era preciso mudar a situação?

Nós todos, no País inteiro, constatamos uma realidade: a desintegração do sistema partidário, que tornou muito difícil operar a sucessão presidencial como etapa para a transição. Essa foi uma decisão que foi muito amadurecida. Nós não estamos diante de dissidências isoladas, mas de um movimento muito mais amplo que envolve o vice-presidente da República, governadores, ex-governadores, deputados, várias lideranças. Nós estamos procurando a transição e eu acho que foi essa a proposta aceita pela oposição.

Já disseram que o senhor renunciaria para evitar desgaste à candidatura Tancredo Neves. É verdade?

Eu acredito que agora nós devemos juntar esforços. O PMDB indicou o governador Tancredo Neves, a Frente Liberal indicou o meu nome. Não há interesse nenhum em retirar a minha candidatura. Ao contrário, agora só se pensa em consolidá-la para promover a vitória de Tancredo.

E os obstáculos jurídicos que podem surgir para que a candidatura do senhor seja válida?

Acho que o problema não é jurídico, o problema é político. E sendo um problema político, politicamente será resolvido. Não há de nossa parte nenhuma intenção de prejudicar a candidatura de Tancredo Neves. Nós desejamos é criar facilidades. E foi nesse sentido que a Frente Liberal indicou meu nome.

E a acusação de oportunismo que é feita a alguns integrantes da Frente Liberal?

Nós não estamos pensando em cargos. Se estivéssemos, jamais teríamos deixado o PDS. Estamos é dando um passo corajoso que deve ser pesado pela opinião pública.

Há algum tempo o senhor era contrário às eleições diretas e à legalização do Partido Comunista. E agora?

Como presidente do PDS sempre defendi a necessidade de o partido exercitar a sua maioria dentro do Congresso. Eu sempre fui eleito por eleições diretas e sempre as defendi. Quanto ao Partido Comunista, desde que ele se sujeite à legislação vigente, não há porque não aceitar o seu registro.

Para finalizar. O senhor sobe num palanque junto com Tancredo Neves, para fazer campanha? Subo.